Centro
de Referência
Paulo Freire

Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire

acervo.paulofreire.org

InstitutoPauloFreire

PPF_OCP_04_0175
D

SÃO PAULO PARA TODOS

SME
MOVA/EDA/FORUM

I CONGRESSO DOS ALFABETIZANDOS DA CIDADE DE SÃO PAULO
16 DE DEZEMBRO DE 1.990.

DOCUMENTO BASE

É intenção deste texto ser fiel à fala dos alfabetizandos, retratar as condições do analfabetismo, sua concepção de alfabetização, suas expectativas em relação ao processo de alfabetização e a realidade em que vivem.

Este retrato foi tirado a partir do questionário **OUVINDO O ALFABETIZANDO ADULTO**, que considera basicamente os seguintes aspectos:

- Histórico sócio-econômico-afetivo.

- Situação atual do alfabetizando a respeito de ler, escrever e ser sujeito de sua realidade.

- Expectativas e perspectivas de participação e alteração desta realidade.

Com base nessas informações, o alfabetizando adulto poderá refletir em seu núcleo, contribuindo de forma decisiva nos rumos da alfabetização na Cidade de São Paulo.

1. "NÃO SOMOS ANALFABETOS PORQUE QUEREMOS"

"Morava na roça - Bahia, não tinha escola perto. Era mais de meia légua a distância da escola pra casa. Em São Paulo precisei trabalhar em casa de família onde pudesse comer e dormir porque não tinha família aqui. Nessas casas trabalhava das 6 da manhã até às 11 da noite. De manhã levava as crianças para a escola e a noite servia a janta para os maridos das patroa" (ZEZÁLIA 37 ANOS).

As várias histórias de vida contadas pelos educandos são muito parecidas quando eles tentam explicar porque não conseguiram aprender a ler e a escrever quando eram crianças.

A condição de pobreza das famílias faz com que as crianças tenham de trabalhar desde cedo para ajudar os pais na roça ou empregando-se na indústria, comércio e serviços domésticos. Além disso, as escolas são poucas e estão muito longe de suas casas. Mais tarde quando jovens ou adultos precisam se deslocar para a cidade grande a procura de um trabalho melhor.

Os analfabetos vindos de lugares os mais distantes e os analfabetos já residentes na grande cidade esbarram em dificuldades até nas coisas que fazem todos os dias: para pegar um ônibus, ir ao supermercado, saber das notícias eles se defrontam com a escrita e, diante dela, sentem-se como se fossem "cegos".

Como tudo na cidade é feito para quem sabe ler, os analfabetos vão percebendo que sua condição é motivo de "vergonha e humilhação".

"Sentimos tristes, humilhados em ter que sujar os dedos em todo lugar que chega. S entimos mal em ver os outros assinarem o nome, ver uma revista, um jornal, só olha não consegue ler isto deixa a gente muito triste". (Alunos do núcleo São Francisco - Vila Reis).

É difícil parar diante da plaqueta de uma porta, diante do letreiro do ônibus e não saber o que está escrito lá, pedir informações, correndo o risco de receber indicações erradas e sofrer todo tipo de gozação.

Diante da dependência de outras pessoas, a maioria dos analfabetos se sente "mal, chateado, amedrontado".

Esta realidade faz com que os analfabetos sintam-se inúteis e incapazes. Muitos deles não se conformam e procuram fazer alguma coisa para sair desta situação.

O analfabeto não estudou dentro da escola, mas há um outro tipo de educação que é a aprendizagem de uma vida inteira.

Há ocasiões em que o analfabeto desenvolve conhecimentos fundamentais e indispensáveis: na luta pela sobrevivência , no aprendizado da profissão, no encontro entre pessoas da família e da comunidade, na participação nos movimentos populares por melhores condições de vida e por mudanças sociais.

O analfabeto jovem e adulto já aprendeu muitas coisas importantes na vida e já pode ensinar muitas coisas aos outros.Estes conhecimentos de vida são práticos e também teóricos, porque eles são uma descrição e uma explicação de fatos da vida.

Mas o analfabeto sabe que não pode ficar só com estes conhecimentos, é preciso ampliar sempre mais o seu saber, aprendendo a ler e a escrever, a desenvolver os cálculos matemáticos.

E é assim que o analfabeto se torna um alfabetizando , matriculando-se num curso de alfabetização e exigindo um curso de qualidade.

1.1 "MUIÉ NÃO PRECISA ESTUDÁ, SÓ TRABAIÁ E CASÁ. SERÁ?"

" Por insistência da minha mãe estudei dois anos, por que pelo meu pai mulher não devia estudar só os homens".(Dercina Antonia de Melo - 55 anos).

" Não estudei por machismo do meu pai, mulher não era pra saber lê escreve carta pro namorado. E trabalha na roça podia . E trabalha em casa podia. Lê e escrevê não". (Aluna do Mov.Alf. da Zona Leste II).

Os pontos citados acima dizem respeito a todos os educandos, mas é importante lembrar que a maioria deles não são educandos, e sim educandas, mulheres em grande parte impedidas de estudar pela repressão do pai que entende que o papel da mulher é se preparar para o casamento e para isto não é preciso saber ler e escrever.

Ainda criança a mulher é chamada a assumir responsabilidades que a sociedade lhe impõe - cuidar da casa , dos irmãos- além de ajudar no orçamento familiar trabalhando fora.

Essa situação de opressão ainda é presente. Com este acúmulo de tarefas fica difícil ter ânimo para estudar, além da incompreensão e machismo do marido que tenta impedí-las desestimulando e até proibindo sua participação no núcleo de alfabetização.

Mas apesar destas dificuldades, as mulheres buscam romper barreiras, tomando consciência da importância de se alfabetizarem e de fazerem frente, em maioria, a todas as lutas populares.

2. O EDUCANDO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.

A alfabetização que queremos:

CRÍTICAS -

"Se tivesse um livro pra gente estudar assim a gente aprendia a ler e escrever ao mesmo tempo."

"Acho que seria bom se tivesse um livro pra cada um". (Aparecida, 29 anos).

"Mais material para a gente trabalhar, como cartilha, provinhas para saber das nossas experiências". (Claudinéia Dias da Silva).

"Deve passar muito tempo numa letrinha, só mudar quando a gente aprender. Não adianta copiar sem aprender nem que demore um ano numa palavrinha só." (Constância Bispo dos Santos).

"Com bastante ditado, cópia e leitura. Com palavras simples todos os dias." (Alunos do Mov. Alf. Zona Leste II).

"Acho que deveria ter mais horas e matéria certa por dia, deveria também ter uma sala de aula própria para o curso e ter aula de segunda a sexta-feira." (Aluno do Mov.Alf.Zona Leste II).

"Acho que no curso deve ter só escrita, deve ser ensinado soletrado, sem debate, sem discussão. Depois que a gente aprender a ler e escrever então pode entrar as discussão é difícil para o analfabeto. Acho que a correção deve ser feita no caderno de 1 em 1 pela professora, não gosto, não acho certo ficar sem correção, ou correção feita pelos próprios alunos." (José Maria - 25 anos).

ELOGIOS -

"Eu acho que tá ótimo, as coisas que eu vejo aqui eu consigo aprender e o trabalho junto é muito bom. Eu me sinto bem aqui e é por isso que eu estou aqui." (Mov. Alf. Zona Leste II).

"Mais ou menos a 19 anos atrás eu fiz o círculo de cultura. Não tinha muita diferença deste curso. A Moça que ensinava conversava, contava histórias e fazia com que a gente contasse."(Maria das Graças).

"Todos os cursos de alfabetização deve ser como este trabalhar com a nossa realidade do dia a dia." (Aluno do MOv.Alf. Zona Leste).

"Acho este curso avançado, tem reuniões conhece as pessoas dialoga com pessoas participa. Acho reuniões muito importantes tomo conhecimento do que está acontecendo do que foi feito e o que vai se fazer." (Rita Conceição Santana).

"No MOBRAL a gente copiava tudo enchia o caderno. Aqui eu sinto mais responsabilidade e é a gente que faz os livros." (Maria Dejacil de Oliveira Silva).

Muito melhor do que uma análise elaborada "de cima" da metodologia do projeto, aqui está um conjunto de avaliações dela.

Essa metodologia é algo em construção, um jeito de fazer que vai se construindo coletivamente, todos os dias em nossos núcleos. É importante que a partir deste texto discuta-se nos núcleos as críticas e elogios que o compoem e alimente-se com ele uma discussão mais aprofundada para desenvolvermos no Congresso.

O educando deve falar sobre a metodologia que desenvolvemos, opinar sobre ela.

3. EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS DE VIDA

"(Aprender a ler) Muda a minha vida em tudo, para mim é mesmo que nascer de novo. Eu me sinto assim que nasci de novo, ressuscitei voltei ao mundo da realidade." (Aluno do MOVA).

"Pretendo continuar estudando e si pussível fazer uma faculdade. Lutar para ter uma casa e melhores condições de vida"(Idem)

Hoje, é hora de tomar fôlego. Parar e avaliar todo o processo que já tivemos.

Para muitos educandos, estar alfabetizado representa uma mudança total, significa que uma nova vida começará. Outros sentem a alfabetização apenas como o começo de uma série de novos desafios que se seguirão. Com que todos concordam, é que alfabetizar-se é libertar-se, quebrar correntes.

Ler e escrever passa a ser também alcançar uma nova fase de participação na sociedade, no movimento popular, nas comunidades.

Os educandos já perceberam que idade não é empecilho para continuação dos estudos. Eles têm o direito inclusive de fazer planos ousados para o futuro, e fazem - "ser poeta", "ser artista", "ser escritor", "fazer faculdade" - planos que em geral supostamente são propriedade de uma pequena parcela privilegiada da população.

O projeto se desenvolve rapidamente, já que os educandos descobrem os núcleos, através de amigos, outros alunos, do monitor que vai às suas casas divulgar o curso. Os espaços onde as aulas acontecem são os mais variados, desde a igreja até a garagem da casa do monitor.

E ao final, nos damos conta que alguns educandos entre suas expectativas de futuro manifestam a vontade de serem nonitores de alfabetização, revelando uma preocupação que vai além de suas vidas particulares, uma preocupação com o analfabetismo no país. Estão dispostos a mergulhar na dura tarefa de aprender ensinando.

EQUIPE DE ELABORAÇÃO DO TEXTO BASE.

Gilberto Lopes Teixeira
José Carlos Picolo
Mara Rejane de Moraes
Marcos Edgar Bassi
Maria Heloísa Aguiar da Silva
Maria José Vale Ferreira